PLANTAS DO CEARÁ (*)

RENATO BRAGA

B

BABA DE SAPO = LÍNGUA DE SAPO.

BABAÇU. — (*Orbignya Martiniana* B. Rodr.)

Família das Palmáceas.

Estima-se em 500 milhões os exemplares de babaçu existentes no Maranhão e em 400 milhões os que povoam o Piauí. Densas formações encontram-se ainda em Goiaz e Mato Grosso. As grandes florestas de babaçu individualizam a *Zona dos Cocais*, introduzida no quadro da nossa geografia botanica por J. A. de Sampaio (*Fitogeografia do Brasil*, Col. Brasiliana, v. XXXV, S. Paulo, 1934, p. 86 *et passim*).

No Ceará restringe-se a distribuição do babaçu, também conhecido por *Coco Palmeira* ou simplesmente *Palmeira*, ás partes altas das serras frescas, aos brejos do Cariri, ás quebradas da serra do Araripe.

Esta palmeira talvez venha ser em futuro não mui remoto a maior riqueza extrativa vegetal do nosso país. O seu coco é a parte aproveitável por excelência. A amêndoa fornece mais de 63% de óleo finíssimo, sucedaneo da banha, do azeite e da manteiga, consumido na alimentação, como combustível e lubrificante, além de ser utilizado na saboaria. A torta, oriunda da extração do óleo, reduzida a farelo, serve ao arraçoamento do gado e á fertilização azotada do solo. As cascas dão cerca de 1/3 do seu peso de óptimo carvão e, pela distilação físico-química, alcatrão, acetona, acetatos, ácido acético, álcool metílico, formol. O carvão, com 91% de carbono, atinge 8.000 calorias e arde sem fumaça, sendo excelente redutor de minério, produzindo ferro e aço de óptima qualidade. As palhas empregam-se na cobertura de habitações rústicas.

(*) Vide Revista do Instituto do Ceará, t. LXII (1948), p. 21.

"Em nosso Estado o pequeno comércio do óleo é feito geralmente por mulheres e pelos processos mais rudimentares. Colhidos os cocos são quebrados a pedra, sendo necessário que estejam bem secos. Diáriamente uma *azeiteira* (denominação dada ás que se dedicam a esse trabalho) quebra 500 frutos, obtendo 10 litros de amêndoas.

"As amendoas, uma vez quebradas, são ligeiramente torradas, piladas e cozinhadas com água, sendo o óleo separado por decantação. De 10 litros de amêndoas empregadas, obtêm, no segundo dia de trabalho, cinco garrafas de óleo. O produto obtido dessa maneira é consumido na iluminação, alimentação e fabrico de sabões" (David Felinto, *A indústria do babaçu,* Nordeste Agrícola, v. II, Junho e Julho de 1937, Fortaleza, p. 171).

Azeite de palmeira é o nome vulgar do óleo de babaçu. Além das aplicações citadas por David Felinto há o uso muito difundido como óleo para cabelo, entre a população rural das serras húmidas e da região litoranea.

As amêndoas maduras são perseguidas por um bruquídeo — *Pachymerus nucleorum* (Fabr.). —, cuja larva branca e leitosa, conhecida por *bicho do coco*, os serranos comem torrada, como verifiquei na serra da Aratanha.

Babaçu é uma aglutinação de *Uaa-uaa-çú*: de *uaa,* fruto, e *çu,* grande (Afonso A. de Freitas, *Vocabulário Nheengatu,* Col. Brasiliana,v. 75, S. Paulo, 1936, p. 163).

BABÃO = COCO BABÃO.

BABOSA. — (*Aloe vera* L., = *Aloe barbadenis* Mill = *Aloe vulgaris* Mill.)

Família das Liliáceas.

Planta carnosa, acaulescente ou quase acaule, estolonífera. Folhas ensiformes, densas, estreitamente lanceoladas, acuminadas, com os bordos sinuoso-serrados, glauco-esverdeadas, carnosas, cheias de um suco amarelo. Flores amarelo-esverdeadas, tubuladas, pendentes, dispostas em espigas terminais sobre hastes simples ou ramificadas. Fruto cápsula coriácea, com numerosas sementes negras.

O suco gomoso e amargo da polpa das folhas é estomacal, purgativo, recomendado nas prisões de ventre crónicas, nas bronquites e até na tuberculose pulmonar incipiente. Dias da Rocha (*Formulário Terapêutico,* p. 140) assinala que a polpa passada pelo calor do fogo, em emplastros, encontra uso externo nos tumores, panarícios, espetadelas e golpes e, em cataplasmas, no engorgitamento do fígado e do baço. Está demonstrada

a eficiencia do suco da babosa contra toda a classe de queimaduras, inclusive as produzidas pelo rádio.

Além da *Aloe vera,* natural da região mediterranea, há outra babosa cultivada, a *Aloe succotrina* Lam. (*Aloe perfoliata* L.), originária da África e com as mesmas propriedades da descrita. Nos jardins, como planta de adorno, encontra-se a *Aloe fasciata* Salm-Dyck, igualmente africana.

BACUMIXÁ. — (*Sideroxylon vastum* Fr. Allem.)

Família das Sapotáceas.

Árvore até 10 m. de altura, de casca lactescente e lenho branco. Fruto baga pequena, oblonga, perfumada e comestível.

E' espécie duvidosa, da qual não se conhece a descrição.

Paulino Nogueira, *Vocabulário Indígena,* p. 229, escreve *Bacurumichá,* explicando a sua etimologia como corrutela de *ibá,* árvore, *kyrymi,* pequeno, *uá,* fruto — árvore de fruto pequeno. No Distrito Federal e Estado do Rio há uma planta com o nome de *Bacumixá,* pertencente á família das Mirtáceas — *Eugenia eurisepala* Hk.

BACUPARÍ. — (*Rheedia Gardneriana* Pl. & Tr.)

Família das Clusiáceas (Gutíferas)

Árvore pequena. Folhas opostas, pecioladas, oblongas, coriáceas. Fruto baga amarela, ovóide, lisa, com uma semente envolta em polpa branca, mucilaginosa e adocicada, comestível, mas pouco saborosa.

O nome é abreviatura de *Bacuri* e *pari,* cerca — Bacuri de cerca (Barbosa Rodrigues, *Hortus Fluminensis,* p. 60).

Encontrada desde o Ceará até o Rio Grande do Sul e Minas Gerais.

BACURI. — (*Platonia insignis* Mart.)

Família das Clusiáceas (Gutíferas).

Árvore alta, copa em forma de cone invertido. Flores grandes, isoladas, branco-róseas. Fruto baga globosa, do tamanho de uma laranja, de casca grossa, amarelo-citrina, contendo polpa branco-amarelada, mucilaginosa, agridoce, envolvendo as sementes.

Polpa do fruto comestível, mormente em doces, compotas, geléias e xaropes. A madeira, amarela na cor, excelente para construções navais.

Da Amazónia até o Piauí. Raros exemplares nas serras frescas, cultivados mais a título de curiosidade.

No sítio Passaré, distrito de Parangaba, Município de Fortaleza, e de propriedade do Dr. Raimundo Girão, existe um trato de terra, meio hectare apróximadamente, coberto de bacuris, que se apresentam de belo e alto porte e muito produtivos. Supõe-se que resultaram de muda adquirida pelo Senador Pompeu e cedida a José Pio Machado, seu grande amigo e antigo proprietário do Passaré.

Bacuri, de *ba*, cair, *curi*, logo — o que cai logo que amadurece (Barbosa Rodrigues, *Hortus Fluminensis*, p. 59).

BACURUMIXÁ = BACUMIXÁ.

BÁLSAMO. — (*Myroxylon peruiferum* L. f. = *Myrospermum erythroxylon* Fr. Allem.).

Família das Leguminosas Papilionadas.

Árvore de porte altaneiro, inerme e de casca grossa. Folhas compostas de folíolos ovais e lisos. Flores em cachos, brancas. Fruto vagem alongada, curva, com uma ou duas sementes, sobre um pedúnculo achatado.

Excelente madeira de cerne castanho avermelhado-claro, para móveis, obras externas e imersas, merecendo preferência na confcção de tonéis, pipas e ancoretas. Perfurando-se o tronco do bálsamo, colhe-se um óleo louro-escuro, perfumado, de sabor amargo e acre, usado nas afecções dos aparelhos respiratório e urinário, nas úlceras, erisipelas e inflamações. As sementes são oleaginosas e odorantes.

Originário da América tropical, cresce no Ceará nos vales superiores das serras frescas e já se vai tornando raro.

Pau de Bálsamo ou *Balso* são outros nomes populares. No Rio de Janeiro e em S. Paulo tem a deonminação de *Pau Vermelho*.

Há outro Bálsamo, com as mesmas propriedades, nas quebradas da serra do Araripe — *Myrospermum aff. toluiferum* DC.

BAMBU. — O nome compreende as seguintes Gramíneas :

1. — *Bambusa vulgaris* Schrad. (*Bambusa arundinacea* Ait.). — Em macissos de colmos fistulosos e inermes, verdes ao princípio e depois amarelos, erectos, de cerca de 10 m. de altura e 10 cm. de diametro. Folhas curto-alongadas, papiráceas, um pouco ásperas, lineares, oblongas ou lanceolado--oblongas, agudas.

Cultivado como ornamental. Em algumas propriedades serranas aproveitam-no como quebra-vento ou linha divisória. As hastes têm diversas aplicações.

Natural da Ásia, mas subespontaneo na América tropical.

Desta espécie há a variedade *striata* (Ladd.) Gamble, de colmos amarelos listrados de verde.

2. — *Guadua tagoara* Kunth (*Bambusa tagoara* Nees). — Colmos erectos ou inclinados, fistulosos, nodosos, ramosos na parte superior, 6-10m. de altura e até 10 cm. de diametro. Folhas oblongo-agudas, erectas, duras, escabrosas nas margens, com mais de 30 cm. de comprimento e 5-7 cm. de largura na base. Inflorescência em paníeulas foliosas, ramosas e luzidias, com pequenas espiguetas.

Os colmos são empregados na confecção de balaios, jacás, cestos, cercas, encanamentos dágua. Os rebentos são comestíveis e diuréticos. Dias da Rocha aconselha o cozimento dos brotos nas inflamações reumáticas.

Encontrado em quase todo o Brasil. Conhecido também por *Taboca*.

Bambu é um vocábulo asiático de origem obscura, adoptado pelas línguas europeias para designar as espécies do género *Bambusa*.

BAMBURRAL. — A denominação abrange as seguintes Labiadas do género *Hyptis*:

1. — *Hyptis suaveolens* (L.) Poit. — Arbusto de 30 cm. a 1, 3 m. de altura, caule e ramos tomentosos. Folhas curto-pecioladas, ovadas, crenado-dentadas, pubescentes. Flores de cor branca em densos capítulos globosos, axiliares, pedunculados.

Planta silvestre, muito comum nos sítios abertos do sertão, dos pés de serra e mesmo do litoral, em densas manchas uniformes. Existe na América e Ásia tropicais. *São-Pedro-caá*, no Rio Grande do Sul.

2. — *Hyptis umbrosa* Salzm. — Parecida com a precedente, sendo as flores roxas.

Ambas muito aromáticas. As partes verdes contêm mentol em apreciável quantidade. As flores e sumidades florais, em infusão, têm propriedades tónicas, estomacais e sudoríficas. Contusas, são aplicadas no tratamento das miases nazais e auriculares.

BANANEIRA

O seu solar primitivo parece localizar-se na Ásia — da Índia ás Filipinas, inclusive a Malásia —, onde se encontram a *Musa paradisiaca* L. subsp. *seminiferia* (Lour.) Bak. e a *Musa paradisiaca* L. subsp. *troglodytaram* Bak., formas selvagens apontadas como matrizes das bananeiras cultivadas.

As variedades de bananeiras de frutos comestiveis não eram conhecidas na América précolombiana. Vieram da Ásia e da África nos pri-

meiros tempos da colonização. Entretanto Gabriel Soares (*Tratado Descritivo do Brasil em* 1587, Col. Brasiliana, v. 117, S. Paulo, 1938, p. 207) cita como natural da terra a *pacoba,* com as castas açu, mirim e uma outra de frutas "vermelhaças por dentro quando as cortam." O vocábulo *banana,* em seu tempo, era privativo das variedades exóticas, vindas de S. Tomé. Ainda hoje, no vale do Amazonas, *pacova* é a denominação comum de todas as bananas ditas da terra, extensiva ás Guianas sob a variante *bacove,* que A. De Candolle (*Origine des Plantes Cultivées,* Paris, 1896, p. 245) lembrou para a sua origem o malabar *bala* ou *palan,* hipótese absolutamente inaceitável, por se tratar de vero termo tupi, *pac-oba,* folha de enrolar ou que se enrola, nome comum ás Musáceas ou bananeiras, na lição de Teodoro Sampaio, *O Tupi na Geografia Nacional,* cit., p. 253. Apelidaram os portugueses as variedades comestíveis encontradas na Ásia de *figos* e Garcia da Orta (*Colóquios dos Simples e Drogas da India,* 2º vol., Lisboa, 1891-1895, Col. XXII) declara que na Guiné chamam-lhes *bananas.* Portanto a expressão que se generalizou e englobou todas as castas desta preciosa fruta tem origem africana, sem dúvida da região da Guiné e arredores (Jacques Raimundo, *O Elemento Afro-Negro na Língua Portuguesa,* Rio, 1933, p. 105).

Pertence a bananeira á família das Musáceas, com numerosas espécies, interessando-nos somente as três seguintes de frutos édulos, com as variedades cultivadas aqui.

1. — *Musa Cavendishii* Lamb. (*Musa chinensis* Sweet., *Musa sinensis* Sagot).

E' a *Banana Baé. Nanica,* em S. Paulo; *Caturra,* no Estado do Rio e Distrito Federal; *Banana d'Agua* e *Anã,* em diversos Estados.

Planta de pseudo-caule forte, pequeno, raramente ultrapassando 2 metros. Folhas grandes, brevemente pecioladas, de tonalidade verde escura por cima e verde mar por baixo. Cachos ou regimes contendo de 6 a 15 verticilos ou pencas, pesando de 25-40 kg., ás vezes com mais de 200 frutos, indo até ao chão. A extremidade terminal do regime conserva os restos florais. Frutos grandes, ligeiramente arqueados, roliços, de casca delicada, relativamente fina, verde-amarelos quando maduros, de polpa macia, aromáticos e agradáveis ao paladar.

E' a espécie predominante nas grandes plantações do Brasil e da América Central. No Ceará cultiva-se nos baixios da região litoranea, do Cariri e nos brejos dos açudes sertanejos.

2. — *Musa paradisiaca* L. (*Musa paradisiaca* L. subsp. *normalis* O. Ktz.)

Pertence a esta espécie a *Banana da Terra, Comprida* ou *Chifre de Boi,* conhecida na Amazónia por *Pacova.*

O pseudo-caule mede 2.50-3.50 m. de comprimento, esverdeado, com

manchas escuras na base do pecíolo, tendo este os bordos virados. Folhas de 1.70 - 2 m. de comprimento por 65 - 72 cm. de largura. Regimes pequenos, contendo 4 - 7 verticilos, com 20 - 35 frutos, pesando de 7 - 14 quilogramos. Ráquis muito comprido, sem restos florais. Fruto de 20 - 30 cm. de comprimento, 5 - 6 cm. de diametro, pesando 250-400 gr., tri ou tetraquinado, um pouco arqueado, de casca grossa, amarela quando maduro, sendo a polpa de cor róseo salmão, dura, pouco açucarada, mas de gosto agradável.

Há autores que filiam a *Pacova* á espécie *Musa corniculata* Lour.

Os frutos são muito apreciados fritos ou cozidos.

3. — *Musa sapientum* L. (*Musa paradisiaca* L. subsp. *sapientum* (L.) O. Ktz.)

O pseudo-caule mede de 2-6 m. de altura, verde-amarelado, com listras e manchas escuras, em touceiras bem perfilhadas. Folhas grandes, limbo de 1-2 m. de comprimento, arredondado nas extremidades, marginado por um filete obscuramente verde-purpurino, com pecíolo curto e espesso, de bordos avermelhados nas margens. O regime, muito longo, inclinado, tem uma parte terminal estéril longamente prolongada. Brácteas e flores estéreis, na maioria das vezes caducas. Fruto pequeno, quase reto ou apenas arqueado, cilíndrico ou muito pouco anguloso, de pele fina, polpa delicada, doce, muitas vezes perfumada, comestível no estado cru.

Fazem parte desta especies as seguintes formas ou variedades :

Banana Prata — E' a mais comum e a sua cultura se encontra nas serras frescas. Não vinga no sertão.

Os cachos contêm de 6 a 8 pencas com 50 a 90 frutos, pentaquinados, de extremidades pontudas, medindo 10-13 cm. de comprimento por 3,5 a 4 cm. de diametro. Casca fina e amarela quando madura. Polpa branca brilhante na periferia e creme clara no centro.

Muito resistente aos transportes grosseiros em costa de animais, merecendo por isso a denominação de *Banana de Comboeiro.*

Banana Maçã. — Planta-se especialmente nos baixios areno-humosos, onde produz frutos excelentes. Nas serras frescas, nos sítios argilosos, as bananas apresentam concrecções, resultantes de um desequilíbrio fisiológico na sua nutrição, *pedras* como chama o vulgo, e aos frutos *bananas pedradas.*

Os bananeirais desta variedade nos municípios que medeiam entre o litoral e a serra de Baturité estão sendo dizimados pela *broca,* ocasionada pelo rincoforídeo — *Cosmopolites sordidus* Germ.

Os cachos têm de 5 a 10 verticilos e até mais de 100 frutos, de 8 a 10 cm. de comprimento, roliços, pesando de 100 a 200 gramas. Os frutos ao atingirem a maturação se desprendem facilmente dos verticilos.

Casca fina, amarelo-clara. Polpa branca, macia, sabor doce e agradável, perfumada.

Banana Sapa ou Curuda. — E' uma das variedades mais resistentes á seca e ao vento, medrando tanto nas terras argilosas como nas arenosas.

Regime com 4 a 8 verticilos, frutos grossos e curtos, nitidamente pentaquinados, com pedúnculos curtos e resistentes. Os frutos não se desprendem do regime com facilidade. Casca espessa, aderente á polpa, flexivel e resistente, amarela na maturação. Polpa doce, macia, pouco saborosa, de cor creme desmaiado.

Graças a resistência da casca, esta banana apresenta a curiosa particularidade de poder ser amassada até que a polpa fique reduzida a uma pasta mole, capaz de ser consumida por sucção, cortando-se uma das extremidades do fruto e comprimindo-o. Cozida é também muito apreciada. Excelente para o fabrico de doces.

Banana São Tomé — Cachos grandes, com 6 a 9 pencas, tendo até 130 frutos, de pedúnculos curtos e resistentes, grossos, de 10 a 12 cm. de comprimento. Casca um tanto expessa, amarela com laivos esverdeados na maturação. Polpa rósea, aromática e de um paladar especial.

Banana Roxa ou Vinagre — Regime de ráquis longo e roxo, com 5 a 8 verticilos, podendo apresentar mais de cem frutos, vermelho-arroxeados quando verdes e *bordeaux* quando bem maduros Polpa amarelo-carregado, muito aromática.

Banana Piroá — Cachos grandes, com 100 a 150 bananas, compridas e algo arqueadas, de casca espessa, resistente, amarela quando madura. Polpa róseo-esmaecida, perfumada.

Pouco cultivada.

A composição química da polpa madura das bananas mais comuns, conforme análises procedidas no Laboratório Bromatológico e no Instituto Nacional de Tecnologia (Ruben Descartes G. de Paula, *Alimentos*, 1°. v., p. 144), apresenta os seguintes teores médios :

Variedades	Água	Proteínas	Matérias graxas	Açúcar e amido	Celulose	Cinza	U. N. ou Cal. %
Banana Baé.....	75,30	1,30	0,20	22,00	—	0,80	95
Banana Prata	74,80	1,40	0,20	22,50	0,30	0,80	97
Banana Maçã	71,80	1,44	0,25	26,44	0,35	0,72	114
Banana da Terra . .	66,80	1,60	0,20	29,90	0,85	1,10	128
Banana S. Tomé	75,00	1,58	0,29	21,80	0,70	0,63	97

A banana, comparada aos mais notáveis alimentos cultivados, destaca-se de todos no tocante á produção e ao valor energético por unidade de superfície, com se depreende do quadro abaixo (W. T. Pope, *Banana Culture in Hawaii*, Bulletin n. 55, Hawaii Agricultural Experiment Station, Washington, 1926, p. 10) :

Espécies	Produção por acre	Valor energético por libra	Valor energético por acre
	Libras	Calorias	Calorias
Banana	32.000	260	8.320.000
Trigo	1.620	1.650	2.673.000
Arroz	3.000	1.620	4.860.000
Milho	2.240	1.635	3.662.000
Batata Branca	10.170	295	3.000.150
Batata Dôce	14.000	440	6.160.000

Com tão grande potencial de energia alimentar, combinado a um excelente sabor, resistência ao transporte e baixo preço, universalizou-se o consumo da banana, de maneira que nenhuma fruta, no actual momento, ultrapassa-lhe em importancia comercial.

BANANEIRA BRAVA

Por este nome são conhecidas as Musáceas :

1. — *Heliconia Bihai* L. (*Musa Bihai* L.) — Natural da África do Sul, tornou-se subespontanea e mesmo silvestre no Brasil.

O pseudo-caule mede até 4 m. de altura. Folhas longamente pecioladas, oblongas, arredondadas na base, abruptas e curtamente acuminadas no ápice, verdes por baixo. Inflorescências pendentes, espadiciformes, glabras, envolvidas por longas brácteas naviculares e rígidas, duas vezes mais compridas que largas, escarlates e amarelas, marginadas de verde. Cápsula drupácea.

Altamente ornamental, recomenda-se como submata dos trechos húmidos de parques e jardins. Dá fibra grosseira e as suas folhas servem para a cobertura de ranchos. Raizes adstringentes e vulnerárias.

Pacaeira é outra denominação vulgar desta planta, que no Rio tem o nome de *Bananeira do Mato;* em S. Paulo, *Bananeirinha do Mato;* em Mato Grosso, *Pacova;* e *Caeté,* na Baía.

2. — *Heliconia pendula* Wawra — Parecida com a precedente, com inflorescências grandes, pendentes, de ráquis tomentoso, protegidas por brácteas vilosas, vermelho-escuras.

Conhecida também por *Pacavira Grande.*

Ambas crescem á margem dos regatos e alagadiços das serras húmidas.

BANANEIRA D'ÁGUA. — (*Dieffenbachia Seguine* (Jacq.) Schott. forma *viridis* Engl. = *Arum Seguine* Jacq. = *Arum Sanguinum* L.)

Família das Aráceas.

Planta herbácea, perene, caule erecto, cilíndrico e espesso, 1-2 m. de altura. Folhas longo-pecioladas, oblongas, ligeiramente cordiformes ou sub-agudas na base, agudas ou acuminadas no ápice, verdes com manchas e franjas brancas. Flores em espiga cilíndrica protegida por espata verde ou verde-clara. Fruto baga vermelho-alaranjada, inclusa no tubo da espata.

A seiva ou latex encerra um princípio cáustico, excessivamente tóxico, bastando 3 ou 4 gr. para matar um homem e dela serviam-se certas tribos indígenas para matar as mulheres que desvendavam os mistérios de Jurupari (Pio Corrêa, *Dicionário* cit., 1° v., p. 134). A mastigação de pequena porção de qualquer parte desta planta provoca imediatamente uma glossite intensa, acompanhada de forte sensação de queimadura. Foi verificado que constitui o melhor anafrodisíaco para as mulheres e, facto curioso, não tem nenhuma acção sobre o homem (Grosourdy, *El Médico Botánico Criollo,* t. 3, p. 44, n. 4, Paris, 1864).

Ornamental. Sua pátria é a América tropical continental e insular.

BANANEIRA DE JARDIM

Este nome abrange as seguintes espécies ornamentais de Musáceas:

1. — *Musa Arnoldiana* Wildem. — Planta herbácea, de pequeno porte, com folhas grandes, verde-escuras, luzidas, de peciolos curtos e vermelhos. Natural do Congo.

2. — *Musa Ensete* Gmel. — Tem pórte de uma bananeira e folhas grandes, até 6 m. de comprimento, oblongas, com a nervura dorsal vermelho-clara. Pedúnculo florifero erecto. Espádice protegido por brácteas avermelhadas.

Pouco comum nos jardins. Originária da Abissinia.

BANANEIRA DE LEQUE. — (*Ravenala madagascariensis* Gmel.)

Família das Musáceas.

Árvore cujo caule lembra o das palmeiras, tendo na extremidade um gigantesco leque de 20-26 folhas idênticas ás da bananeira.

Nativa em Madagascar. Introduzida no Brasil em 1862. Altamente ornamental. Rara nos jardins. *Árvore do Viajante,* no Rio de Janeiro e em S. Paulo.

BANANEIRA DO BREJO. — (*Caladium striatipes* Schott.)

Família das Aráceas.

Planta palustre, de folhas oblongo-cordiformes, flores protegidas por espata, amarela por fora e interiormente brancacenta. Fruto baga amarela.

Tanto o espádice frutífero como as túberas são comestíveis, cozido e assadas, respectivamente. As folhas verdes dão um suco acre, empregado na cura das anginas.

Guianas e Brasil.

BANANEIRINHA DE SALÃO. — (*Heliconia angustifolia* Hook = *Heliconia bicolor* Benth.)

Família das Musáceas.

Planta herbácea, de folhas longo-pecioladas, oblongo-lanceoladas. Flores brancas com as extremidades esverdeadas, protegidas por brácteas vermelhas.

Ornamental. Cultivada nos jardins e recintos cobertos. Natural do Brasil.

BANANEIRINHA DO MATO. — (*Heliconia psittacorum* L. f.)

Família das Musáceas.

Planta herbácea encontrada nas matas e capoeiras das serras frescas. Tem lindas flores escarlates e poderia ser aproveitada nos jardins, em macissos, nos lugares sombreados. Produz fibras de regular qualidade.

Chamam-na ainda de *Pacavira. Pacova Caatinga,* no Pará. Cresce nas Guianas e em quase todo o Brasil.

BAOBÁ. — (*Adansonia digitata* L.)..

Família das Bombacáceas.

Planta xerófita das estepes africanas. Introduzida no Ceará pelo Padre Senador Tomás Pompeu, que em 1872 trouxe da Argélia dois exem-

plares, ainda hoje existentes, no Passeio Público de Fortaleza.

E' uma árvore de proporções inegualáveis quanto ao diametro, chegando a medir 20 m. de circunferência, ao passo que a altura máxima não ultrapassa esta metragem. Avalia-se a idade de certos exemplares entre 3.000 a 6.000 anos, o que levou Humboldt a afirmar ser o baobá o mais antigo monumento organizado do nosso planeta.

As folhas novas, tenras e mucilaginosas, são de uso corrente como legume na zona da sua ocorrência. A polpa dos frutos, farinácea e um tanto ácida, é muito apreciada pelos negros. Regista Barbosa Rodrigues o interessante costume de certas cabildas africanas enterrarem os seus músicos e poetas dentro dos troncos destas gigantescas árvores.

Merecia ser difundida no sertão, como árvore forrageira.

BARBA DE BODE = CAPIM BARBA DE BODE

BARBA DE CAMARÃO

Planta do género *Strychnos,* família das Loganiáceas.

BARBA DE VELHO = SAMAMBAIA

BARBATIMÃO. — (*Stryphnodendron barbatimão* Mart.)

Família das Leguminosas Mimosoideas

Árvore de tamanho médio, tortuosa e inerme, com casca rugosa. Folhas bipinadas, folíolos 6-8 jugos, ovo-orbiculares ou alongados, pequenos. Flores vermelhas ou quase brancas, em espigas cilíndricas e densas, axilares, pouco pedunculadas. Fruto vagem achatada, séssil, linear.

O caule produz madeira de cor avermelhada, com manchas escuras, para marcenaria, torno, obras externas, inclusive construção em em lugares húmidos. Peso específico médio: 1.291. Resistência: carga perpendicular, 361; paralela, 675, e sem determinação de posição, 1.019 a 1.045 kg. por cm2.

A casca com 40% de tanino tem largo emprego na indústria do cortume. Na medicina popular goza de reputação como hemostática, tónica, depurativa. O decocto é usado na lavagem de úlceras e em irrigações vaginais nos casos de flores brancas, gonorreias. Devido a sua adstringência, as cascas são procuradas pelas meretrizes e já figuraram no comércio sob o nome deveras expressivo de *Casca da Virgindade* ou *Casca da Mocidade.* Aliás, o seu nome indígena, *ibá-timõ,* árvore que aperta, relaciona-se com a sua enérgica ação estíptica (Barbosa Rodrigues, *Hortus Fluminensis,* p. 155).

Encontra-se do Maranhão até S. Paulo e Minas Gerais.

Há, na serra do Araripe, outra barbatimão, *Stryphnodendron rotundifolium* Mart., cuja área de dispersão vai do Piauí á Baía.

Trata-se de árvore que alcança até mais de 10 m. de altura, de casca grossa, aromática, que se desprende em pequenas láminas. Folhas pinadas, folíolos 5-8 jugos, obliquo-orbiculares. Flores róseo-brancacentas, em espigas.

Madeira para carpintaria.

BARRIGUDA DE ESPINHO. — (*Chorisia crispiflora* H. B. K. = *Chorisia ventricosa* Mart. = *Bombax ventricosum* Arrd. Cam.)

Família das Bombacáceas.

Encontrada nas caatingas sertanejas do Piauí á Baía.

Árvore alta, de conformação tonelar, distinguindo-se facilmente da *Barriguda Lisa,* da qual tem o mesmo aspecto, por possuir a casca coberta de inúmeros acúleos superpostos e as sementes envoltas numa substancia cotonosa, branca e brilhante, chamada *lã de barriguda.*

BARRIGUDA LISA. — (*Cavanillesia arborea* K. Schum. = *Pourretia tuberculata* Mart. & Zucc.)

Família das Bombacáceas

Uma das árvores mais notáveis da nossa flora, cresce até 20 m. de altura, tendo no topo copa relativamente pequena. O caule que tem a casca lisa, pálida, inerme, engrossa na parte média, cria uma espécie de grande barriga, ás vezes de 4 m. de diametro, o que lhe confere aspecto desconforme. Folhas terminais, grandes, lobadas, subtomentosas, decíduas. Flores pequenas, vermelhas, marginadas de branco. Fruto cápsula com cinco azas grandes e uma única semente, coberta por substancia mole e gomosa.

Tronco mole, mas muito pesado quando verde, dada a vultosa quantidade dágua que armazena em seus tecidos, permitindo-lhe vencer as grandes estiagens sertanejas. A madeira depois de seca é leve e frágil, própria para pasta de papel. Estas qualidads se verificam igualmente na espécie anterior.

O seu *habitat* são os sertões sêcos do Piauí á Baía.

BARRIGUDINHA = BARRIGUDA DE ESPINNHO.

BATATA DA COSTA = SALSA DA PRAIA

BATATA DE CABOCLO = BATATA DE PURGA

BATATA DE ENFIEIRA. — (*Convolvulus* sp.)

Família das Convolvuláceas.

Planta herbácea, vivaz, reptante, encontrada nas quebradas das serras. As raizes apresentam uma série de pequenos tubérculos, lembrando um rosário ou *enfieira,* como diz o sertanejo.

BATATA DE PORCO = PEGA PINTO

BATATA DE PURGA. — (*Ipomoea operculata* Mart. = *Operculina convolvulus* Manso).

Família das Convolvuláceas.

Planta trepadeira, de caule quadrangular, avermelhado e glabro. Folhas longo-pecioladas, palmati-5-lobadas, grandes, glabras, de lobos agudos. Flores amarelas, infundibuliformes, axilares, solitárias. Fruto cápsula, com 3-4 sementes, escuras e duras.

As raizes, tuberosas e fusiformes, encerram açúcar, sais, fécula, extrato gomoso e uma resina dura, quebradiça, acastanhada, isolada por Peckolt, que ainda encontrou a *convolvulina,* princípio activo imediato.

Tanto a raiz, em rodelas secas á sombra, como a fécula, chamada *goma de batata,* e ainda mais as sementes, torrefactas e em fusão, aplicam-se nas constipações intestinais, hidropsia, sífilis, suspensão de regras e preventivo de todas as doenças do aparelho digestivo. Ás crianças, no período da dentição, para evitar as diarreias e erupções da pele, costumam as mães sertanejas dar diariamente uma pitada de goma de batata no leite, na papa ou no chá. As raizes da batata de purga constituem o mais poderoso catártico usado pela nossa população rural, fazendo ás vezes de Jalapa. Encontram-se nas farmácias sob o nome de *Radix Jalapae Ochroleucae.*

BATATA DOCE. — (*Ipomoea batatas* (L.) Lamk = *Convolvulus Batatas* L.)

Família das Convolvuláceas.

Origem um tanto controvertida. A maioria das autoridades opina pelo indigenato americano.

Planta herbácea, vivaz, reptante, um tanto volúvel, glabra ou pubescente, com hastes até 3 m. de comprimento, enraizada nos nós que tocam o solo. Folhas longamente pecioladas, alternas, variaveis na forma, inteiras ou lobadas. Flores campanuladas, axilares, brancas, róseas, roxas, vermelhas, em cimos paucifloros, raramente férteis.

As raizes, verdadeiras e adventícias, hipertrofiam-se, tornam-se car-

nudas, cheias de fécula e de matérias albuminoides e açucaradas, diversas em tamanho, forma, cor e gosto, permitindo distinguir as seguintes variedades botanicas :

Var. *indivisa* Griseb., de tubérculos verdoengos amarelados.

Var. *leucorhiza* Griseb. (Batata Azul, Batata Branca, Batata Branquinha), de tubérculos alongados e esbranquiçados.

Var. *porphyorhiza* Griseb. (Batata Roxa, Batata Vermelha), de tubérculos violetas ou vermelho-escuros por fora e interiormente amarelo-brancacentos.

Var. *xanthorhiza* Choisy (Batata Amarela), de tubérculos amarelos. Essa variedade passa por originária da Ásia.

E' a mais importante das convolvuláceas, pelas raizes feculentas, doces, delicadas e nutritivas. A sua cultura cobre grandes extensões em todas as regiões quentes do globo e mesmo nas áreas temperadas. Os tubérculos crus constituem excelente alimento para os suinos. As folhas verdes são consumidas em certos lugares como verdura e as ramas enfolhadas recomendam-se como forragem galactagoga. Nas Antilhas usam o chá dos brotos da batata doce para aumentar o leite das mulheres que estão amamentando.

BATATA DO REINO = BATATINHA

BATATA INGLESA = BATATINHA

BATATA PORTUGUESA = BATATINHA.

BATATINHA. — (*Solanum tuberosum* L.)

Família das Solonáceas

Natural da América do Sul, particularmente dos planaltos andinos, foi transplantada para a Espanha entre 1560 a 1570 e para a Inglaterra em 1584.

E' a solonácea de mais ampla dispersão geográfica e os seus tubérculos, ricos em fécula amilácea, constituem, ao lado do trigo, a planta alimentar mais importante das regiões temperadas de ambos hemisférios.

A selecção deu-lhe grande número de variedades, porém a sua cultura, entre nós, acha-se limitada a pequenas áreas da serra da Ibiapaba.

BATINGA. — Este nome abrange as seguintes Mirtáceas :

1. — *Eugenia prasina* Berg. — Arbusto até 3 m. de altura, nos taboleiros arenosos da região litoranea. A verdadeira *grandiflora* Hub. é encontrada na sub-mata da serra de Baturité.

2. — *Eugenia vaga* Berg. — No mesmo habitat que a anterior, juntamente com a sua variedade *dipoda* Berg. Tem um metro de altura.

Trata-se de arbustos pouco esgalhados, com folhas ásperas e opostas, de flores solitárias. O fruto é uma baga pequena, globosa.

As folhas servem de lixa e da casca tiram uma tinta avermelhada. A madeira da primeira presta-se para cabo de ferramentas.

Batinga vem do tupi *ibá,* fruto, *tinga,* branco.

BATIPUTÁ. — O nome envolve as espécies abaixo da família das Oquináceas :

1. — *Ouratea jabotapita* (Swartz) Engl. = *Gomphia jabotapita* Swartz — Arbusto de folhas alternas e elíticas, pontudas, persistentes, coriáceas, lustrosas. Flores em panículas pequenas, amarelas. Fruto drupa pequena, negro-azulada, formando cachos muito densos, com uma semente cada uma.

Do Ceará á Baía.

2. — *Ouratea parviflora* Baill. = *Gomphia parviflora* DC. — Parecida com a anterior, chegando porém até 5 m. de altura, sendo o fruto 5-locular, encarnado quando maduro, contendo outras tantas sementes amarelas e rajadas de preto.

Ceará até S. Paulo e Minas Gerais.

Estas plantas crescem nos taboleiros arenosos, ao longo do litoral, e as suas sementes, moles, fáceis de esmagar, produzem óleo finíssimo, muito branco, aplicado como emoliente nos tumores e em fricções nas dores reumáticas. Representam grande riqueza em potencial, dada a sua abundancia e o seu valor como produtoras de um óleo que poderá ser usado na alimentação e na indústria.

Cajuzinho é outro nome popular por que são conhecidas. *Batiputá,* corrutela de *abatiputá,* árvore de muitos frutos, de *ibá,* árvore, *ti,* fruto, *etá,* muito (Paulino Nogueira, *Vocabulário,* p. 230).

BAÚNA. — (*Anchieta* sp.)

Família das Violáceas

Trepadeira lenhosa, de raizes depurativas.

O nome significa fruta preta, de *bá,* fruta e *una,* preta.

BAUNILHA. — (*Vanilla planifolia* Andrews. = *Epidendrum vanilla* L.)

Família das Orquidáceas.

Orquídea terrestre, trepadora, com folhas compridas, lanceoladas, carnosas, coriáceas. Flores grandes, amareladas, em espigas axilares ou rácimos. Fruto cápsula pardo-escura, linear, mais ou menos cilíndrica, curvada nas extremidades, muito aromática.

Cultivada por alguns colecionadores de orquídeas. A polinização se faz por intermédio do homem. Esta espécie é a maior fornecedora da baunilha do comércio.

BEGÓNIA. — Nome científico vulgarizado de várias espécies do género *Begonia,* família das Begnoniáceas :

1. — *Begonia discolor* R. Br. — Originária da China. Planta ornamental, cultivada principalmente em vasos. As suas folhas são grandes, cordiformes, acuminadas, oblíquas e irregularmente dentadas, verdes na página superior e inteiramente vermelhas na face inferior. As flores são de um róseo vivo, transparentes, numerosas, sobre pedúnculos compridos e dicotómicos.

2. — *Begonia guyanensis* A. DC. var. *cearensis* C. DC. — Pequena planta de 15-20 cm. de altura, trepadora ás vezes, de flores brancas, miúdas, em cimeiras, revestindo tronco de árvores ou rochedos dos vales superiores da serra de Baturité.

3. — *Begonia Huberi* C. DC. — Magnífica planta ornamental, encontrada nas matas da serra de Baturité, de caule até 1 m. 50 de altura e flores alvas.

4. — *Begonia metallica* Raddi — Espécie ornamental de grandes folhas oblíquo-cordiformes, acuminadas e de uma coloração esmeralda escura.

5. — *Begonia pilderifolia* C. DC. — Tem flores róseas e encontra-se na serra de Baturité a partir de 700 metros de altitude.

6. — *Begonia rex* Putz — Linda planta ornamental, de folhas grandes, assimétricas, variegadamente coloridas e com tonalidades metálicas. Natural da Índia e de Java.

7. — *Begonia semperflorens* Link & Otto — Há um grande número de variedades, bem como de hibridos, oriundos do cruzamento com a espécie mexicana *Begonia gracilis.*

8. — *Begonia unialata* C. DC. — Trepadora e de flores pequenas, no alto da serra de Baturité.

9. — *Begonia vitifolia* Schott.

BEIJO DE PALMAS = CRISTA DE GALO

BELDROEGA. — (*Portulaca oleracea* L.)

Família das Portulacáceas

Planta herbácea, suculenta, de caules prostrados e avermelhados. Folhas alternas, planas, obovadas, carnosas. Flores pequenas, amarelas ou alaranjadas. Fruto pequena cápsula, contendo sementes muito miúdas e pretas.

As hastes e folhas em certos lugares são comidas cruas, em saladas. Boa forrageira quando verde, murcha ocasiona o meteorismo. Toda a planta é diurética e emoliente.

BELDROEGA GRANDE = AMOR CRESCIDO

BELADONA. — (*Atropa Belladona* L.)

Família das Solonáceas.

Planta herbácea, erecta, até 1.5 m. de altura, com flores grandes, tubulosa-campanuladas, violáceo-castanhas.

Muito pouco cultivada. Folhas e raízes midriáticas, estupefacientes, anti-espamódicas, anti-secretoras.

Natural da Europa e da Ásia.

BEM CASADOS. — (*Euphorbia splendens* Bojer = *Sterigmanthe splendens* Klotzsch & Garche).

Família das Euforbiáceas.

Arbusto baixo, ramos longos, contorcidos e cobertos de espinhos. A inflorescencia em cimeira terminal compõe-se de flores vermelhas, longo-pedunculadas, com brácteas vermelho-vivo.

Planta ornamental, cultivada nos jardins. O látex é cáustico.

Originária de Madagascar. Conhecida por *'Coroa de Nossa Senhora.* em Minas Gerais; *Duas Amigas,* na Baía, e *Coroa de Cristo,* no Rio Grande do Sul.

BENJAMIM. — (*Ficus retusa* L. var. *nitida* Thunb.)

Família das Moráceas.

Árvore de porte médio, forma elegante e densa copa de folhas pequenas, elíticas, lustrosas, coriáceas. Fruto globoso, miúdo, séssil.

A rapidez de crescimento e a beleza da folhagem fê-la a planta preferida para a arborização em diversas cidades brasileiras, inclusive nossa Fortaleza, apesar do seu sistema radicular ser prejudicial á conservação dos passeios. Excelente para cercas vivas, sebes, macissos, tufos, moldando-se muito bem á tesoura do jardineiro. Adapta-se ás particularidades mesológicas do sertão, dando boa forragem verde durante o verão e sombra aos gados nas horas da canícula.

Benjamim é a vulgarização do específico *benjamina*, de *Ficus benjamina* L., nome que por equívoco foi dado ao *Ficus* que não é *benjamina* e sim *retusa* var. *nitida* (*Rodriguesia*, Ano 1, N° 1, 1935, p. 77). *Ficus*, o nome do género, também lhe é comum.

Natural da Ásia.

BETERRABA. — (*Beta vulgaris* L. var. *esculenta* Salisb.)

Família das Quenopodiáceas.

Erva erecta, de raízes carnosas, fusiformes ou turbinadas, brancas, amarelas ou purpúreas, comestíveis em saladas.

Cultivada nas hortas. Natural da Europa e da África do Norte.

BETÓNICA BRAVA. — (*Hyptis multiflora* Pohl.)

Família das Labiadas.

Planta herbácea, aromática, de caule tomentoso. Folhas opostas, curto-pecioladas, ovado-arredondadas, pubescentes na página superior e branco-tomentosas na inferior. Flores roxas, muito tomentosas, em capítulos axilares.

As folhas, em infusão, empregam-se como tónicas e carminativas.

Do norte do Brasil até S. Paulo.

Há outra espécie, confundida no uso popular com a precedente, *Hyptis pectinata* (L.) Poit., com flores pequeninas, alvas, cerúleas ás vezes.

BOA NOITE. — (*Lochnera rosea* (L.) Reichenb. = *Vinca rosea* L.)

Família das Apocináceas.

Arbusto até 1 metro de altura, de caule avermelhado, ligeiramente pubescente e lactescente. Folhas opostas, curto-pecioladas, obovais, gla-

Ornamental. Do Amazonas ao Ceará.

CACTO = PALMATÓRIA.

CADORNOS = CARNICA

CAFÉ. — (*Coffea arabica* L.)

Família das Rubiáceas.

Natural da Abissínia. Introduzido no Brasil em 1727 por Francisco de Melo Palheta, que trouxe de Caiena para o Pará cinco exemplares desta preciosa planta, destinada a ser o fundamento da nossa riqueza agrícola, fazendo girar em torno da sua lavoura e do seu comércio a fortuna nacional.

A entrada do café no Ceará verificou-se em 1747 e deve-se a José de Xerez Furna Uchôa, que conseguiu em Paris, no *Jardim das Plantas,* por intermédio do duque de Choiseul, duas mudas, descendentes de sementes trazidas de Moca por marinhiros holandeses. Uma dessas mudas pereceu na travessia e a outra foi plantada no sítio Santa Úrsula, na serra da Meruoca. Posteriormente vieram mudas ou sementes de Pernambuco para o Cariri, matrizes das primeiras plantas cultivadas na serra de Baturité, no sítio Mucaípe.

No ano de 1824 deu-se uma introdução de mudas paráenses na serra de Baturité. Os cafeeiros de Mucaípe, cultivados a título de curiosidade em torno da casa grande, forneceram a Domingos da Costa as sementes para as plantações da serra da Aratanha, em 1824 (Tomás Pompeu de Sousa Brasil, *Ensaio Estatístico da Província do Ceará,* parte segunda, p. 357; Juvenal Galeno, *Cenas Populares,* 2a. edição, Ceará, 1902, p. 109; Barão de Studart, *Ligeiras notas sobre o Café no Estado do Ceará,* Rev. do Inst. do Ceará, XLII (1928), Fortaleza, p. 93).

A cultura do café se encontra em decadência e faz-se á sombra de certas leguminosas do gnero *Inga,* nas chamadas serras frescas: Baturité, Aratanha, Maranguape, Uruburetama, Serra Grande, quebradas da serra do Araripe. A variedade preferida, chamada *crioula* ou café Nacional, constitui o grosso das plantações.

CAINCA. — Nome comum ás seguintes Rubiáceas :

1. — *Chiococca alba* (L.) Hitch. = *Lonicera alba* L. — Arbusto, ás vezes escandente. Folhas pecioladas, lanceoladas para ovais, comumente curto-acuminadas. Flores de corola branca ou amarelada, 6-8 mm. de comprimento, em rácimos simples ou panículas. Fruto cápsula branca, com duas sementes.

BONINA. — (*Mirabilis jalapa* L.)

Família das Nictagináceas.

Planta herbácea, de caule e hastes carnosas, quebradiças. Flores crepusculares, de aroma intenso e agradável, geralmente unicolores, brancas, amarelas, róseas, vermelhas, as vezes maculadas.

Cultivada nos jardins. Raizes de propriedades purgativas enérgicas, razão do específico *jalapa,* por suporem, errôneamente, que fosse a fonte da jalapa das farmácias, proveniente das raizes de uma *Ipomoea.* Aparece nas farmacopéias como "Radix Nyctaginis Mechoacannae" ou "Jalapa Falsa".

Nativa da América tropical. Nos estados meridionais é conhecida pelo nome de *Maravilha.*

BORBOLETA. — (*Hedychium coronarium* Koening.)

Família das Zingiberáceas.

Erva vivaz e palustre, até 2 m. de altura. Folhas sésseis, alternas, lanceoladas, verde-escuras na página superior e verde-claras na inferior. Flores grandes, brancas, odoríferas, em espigas bracteadas e terminais. Fruto cápsula oblonga, glabra, com numerosas sementes pretas, luzidias.

Originária do sul da Ásia e introduzida no Brasil certamente como planta ornamental, a Borboleta emigrou dos jardins para os ambientes higrófilos, constituindo densas aglomerações que revestem o solo de verde e embalsamam os ares com o perfume jasmínico das suas flores, mormente no trecho do litoral bordejado pela Serra do Mar. No Ceará vemo-la crescer qual planta indígena nos riachos e lugares húmidos das serras frescas.

Toda planta fornece celulose (46%) para papel. Os rizomas, abundantes e grandes, dão fécula comestível, substituindo a da araruta.

Lírio do Brejo nos estados meridionais, a partir da Baía.

BORBOLETA AMARELA. — (*Hedychium flavescens* Carey = *Hedychium flavum* Roxb.)

Família das Zingiberáceas.

Distingue-se da precedente pelas flores de cor creme, amareladas.

Menos comum, e botanicos há que a consideram simples variedade da espécie anterior.

BORDÃO DE VELHO. — (*Pithecolobium averemotemo* Mart. = *Mimosa vaga* Vell.)

Família das Leguminosas Mimosoideas

Árvore de casca suberosa, rugosa, que se desprende depois de certo tempo. Folíolos obovados. Flores branco-amareladas ou esverdeadas, sésseis, em capítulos. Fruto vagem achatada, com poucas sementes.

Madeira branca para obras internas. Cascas adstringentes e taníferas. Sob o nome de *Casca do Brasil* tiveram larga exportação para a Europa, como tónico das partes pudendas das mulheres públicas.

Desde o Pará até S. Paulo e Minas Gerais.

Há ainda outro BORDÃO DE VELHO, *Cusparia macrophylla* Engl., da família das Rutáceas, encontrado na submata da serra de Baturité. Cresce igualmente na Baía, Rio e Minas Gerais.

BRANDÃO = PURGA DE LEITE

BRAÚNA. — (*Melanoxylon braunia* Schott.)

Família das Leguminosas Cesalpinioides

Árvore de porte altaneiro, atingindo até 12 m. de altura. Folhas imparipinadas com numerosos folíolos oblongos ou ovais lanceolados, obtusos ou acuminados. Flores amarelas, dispostas em grandes panículas. Fruto vagem tomentosa, grande, chata, com pregas reticuladas externamente.

Madeira de lei especial para obras internas, carpintaria, moendas, esteios, pilões, postes, vigas, dormentes. Peso específico médio: 1.068. Resistência ao esmagamento: carga perpendicular, 449; carga paralela, 802, e, sem determinação de posição, 818 kg. por cm2.

Cerne duro e negro, bonito como ébano, donde o nome tupi *ybirá-una* (T. Sampaio, *O Tupi na Geografia Nacional*, 205), a madeira preta, traduzido para o genérico *Melanoxylon* (do grego *melanós*, preto, *xylon*, madeira) e que por sucessivas adulterações chegou ao específico *braunia*.

BREDINHO. — Nome de duas Amarantáceas: *Iresine polymorpha* Mart. e *Iresine vermicularis* Moq.

Herbáceas, carnosas, pequenas, de flores insignificantes, em capítulos.

A primeira, com flores nauseabundas, também registada na Baía, São Paulo e Minas Gerais, prefere a beira dos caminhos, os lugares abandonados, a margem das matas das serras humidas.

A *Iresine vermicularis* Moq., do Amazonas ao Estado de S. Paulo, cresce desde os areiais lavados pelas marés até o alto sertão.

Folhas emolientes, tónicas, diuréticas.

BREDINHO DA PRAIA. — (*Iresine portulacoides* Moq. = *Philoxerus vermicularis* Mart.)

Família das Amarantáceas

Encontrada do Ceará ao Rio Grande do Sul, sobre as praias e dunas baixas.

Herbácea, reptante. Flores de cor branca em capítulos globosos.

A infusão das folhas usada no combate ás leucorreias.

BREDO. — (*Amaranthus viridis* L.)

Família das Amarantáceas

Erva anual, prostrada ou ascendente, até 60 cm. de altura, de ramos glabros, quase sempre avermelhados. Folhas alternas, longo-pecioladas, ovais, verdes e ás vezes um pouco violáceas. Flores quase sésseis, verde-pálidas, em pequenos glomérulos axilars ou em curtas espigas terminais. Utrículo ovóide ou oblongo, com uma semente castanho-avermelhada ou preta, luzidia, de 1 mm.

Folhas diuréticas e anti-blenorrágicas. Consumidas como legume em alguns lugares. No estado verde a planta é forrageira, mas murcha provoca o meteorismo.

Cosmopolita tropical. Do Amazonas ao Rio de Janeiro e Minas Gerais. *Caruru de Soldado,* no Pará.

BREDO DE ESPINHO — (*Amaranthus spinosus* L)

Família das Amarantáceas.

Erva até 1 m. de altura, de caule duro, ramos sulcados, armados de 2 espinhos na axila das folhas. Folhas longo-pecioladas, ovadas ou lanceoladas, com ápice espinescente, glabras, de cor verde. Flores sésseis, numerosíssimas, em rácimos axilares ou em espigas axilares e terminais. Fruto pequena cápsula ovóide e rugosa.

A infusão das folhas, consoante Dias da Rocha (*Formulário Terapeutico,* 45) tem propriedades diuréticas, sendo aplicada na hidropsia, catarro da bexiga, retensão de urina. Verde é procurada pelo gado, quando murcha, como os demais bredos, ocasiona o meteorismo, ás vezes fatal. Brotos e folhas novas comestíveis em saladas.

Cosmopolita tropical, preferindo os terrenos secos.

BREDO DE JARDIM

O nome agrupa as espécies *Coleus blumei* Benth. e *Coleus scutellarioides* (L.) Benth., da família das Labiadas.

São originárias da Ásia tropical e cultivadas nos jardins pela folhagem multicor, vivamente colorida que possuem. O cruzamento delas e com outras do mesmo género tem produzido grande número de híbridos ornamentais.

BREDO MANJONGOME = MAJONGOME

BREDO ROXO = BREDO VERMELHO

BREDO VERDE = BREDO.

BREDO VERMELHO. — (*Amaranthus melancholicus* L.)

Família das Amarantáceas

Planta herbácea, erecta, até 1-2 m. de altura, de ramos sulcados, purpúreos e lisos. Folhas oblongas, pecioladas e versicolores. Flores vermelhas em ramos axilares formando longa espiga terminal. Fruto cápsula ovóide, com sementes miúdas e negras.

Originária da Índia, encontra-se por toda a parte dos trópicos, com as características de subespontanea ou naturalizada. A variada coloração das suas folhas, verde amarelo nos seus diversos tons, verde e amarelo combinados, vermelho-sangue, verde e vermelho e amarelo, caracteriza diversas formas cultivadas nos jardins. Folhas comestíveis na Índia. Emolientes em emplastros.

BRINGELA. — (*Solanum Melongena* L.)

Famílias das Solonáceas.

Originária da Ásia tropical. Foi introduzida no Brasil muito cedo, pois já vem assinalada em Gabriel Soares.

Planta herbácea, cultivada nas hortas. Os frutos, bagas de forma, tamanho e cor variáveis, com valor nutritivo mediocre, são de consumo reduzido, salvo pelos participantes das colonias síria e libanesa.

Há uma variedade cujos frutos lembram em tudo um ovo de galinha, admitida por Dunal como espécie distinta, *Solanum ovigerum*, cultivada nos jardins.

BUCHA. — (*Luffa cylindrica* (L.) Roem.)

Família das Cucurbitáceas

Originária da Ásia e África tropicais. Subespontanea desde as Gui-

anas até S. Paulo e cultivada em todos os estados, com os nomes de *Bucha, Esfregão, Esponja Vegetal, Bucha dos Paulistas.* No Ceará tem ainda os nomes de *Pepino Bravo* e *Gonçalinho.*

Planta herbácea, escandente, caules penta-angulosos, 3-5 m. de comprimento. Folhas longo-pecioladas, opostas, grandes, palmati-5-lobadas, dentadas, ásperas, verde-escuras. Flores grandes, de intenso amarelo com veias verdes. Fruto baga fusiforme, até 35 cm. de comprimento, cilíndrica ou trígona, sem angulos agudos, achatada no ápice, interiormente fibroso-reticulada, com sementes oblongas e chatas, amarelas quando maduras e negras quando secas, marginadas por uma estreita membrana branca.

Os frutos, depois de secos e livres das sementes, dão um intrincado tecido fibroso, verdadeira esponja vegetal, empregada como esfregão de cozinha, palmilha de sapatos, chinelas, bucha para espingardas, entrando ainda na confecção de bolsas, cestas, chapéus. Quando novos, muito verdes, são comestíveis. Polpa do fruto maduro purgativa, desobstruente e vermífuga.

BUGANVILIA. — Vulgarização do nome científico do género *Bougainvillea.* Vide RISO DO PRADO.

BUGI. — (*Combretum laxum* Jacq. = *Combretum Jacquinii* Griseb.)

Família das Combretáceas

Arbusto trepador até 5 m. de altura, galhos volúveis, folhas pubescentes na página inferior e flores pequenas, fragrantes, amarelo-esbranquiçadas, em espigas densas.

Encontra-se nas margens dos cursos dágua de toda a América tropical.

BUQUÊ (fr. bouquet) DE NOIVA. — (*Spiraea chamaedrifolia* L.)

Família das Rosáceas

Originário da Europa e da América. Arbusto ornamental, de folhas ovais, serrilhadas no ápice, glabras. Flores alvas, pequenas, em corimbos.

BURITI. — (*Mauritia vinifera* Mart.)

Família das Palmáceas.

Pertence ás palmeiras que Humbolt denominou de "árvores da vida", por suprirem a maioria das necessidades humanas.

No buriti tudo se aproveita. O arilo, que constitui o seu endocarpo, amarelo, polposo, oleoso e açucarado, emprega-se na confecção de doce e bebida refrescante. As amêndoas encerram óleo finíssimo, vermelho-sanguíneo, consumido na alimentação. O broto terminal constitui saboroso palmito. As folhas dão cobertura para casas, fibras muito resistentes, e em banhos são emolientes. Os pecíolos servem para tapumes e com eles se constroem balsas. O tronco, por incisão, fornece suco vinhoso, tónico de sabor excelente.

E' a mais alta das nossas palmeiras. Tem o espique colunar, inerme e glabro, anelado, espesso, até 50 cm. de diametro. Folhas grandes, de limbo orbicular, com 100-130 cm. de diametro. Fruta drupa elipsóide, amarela escamosa-imbricada.

No Ceará não existe na zona sertaneja. Encontra-se no Cariri, na serra da Ibiapaba, nos municípios litoraneos ao pé dos cursos dágua permanentes. A sua dispersão no Brasil vai do Pará a S. Paulo, Minas Gerais, Goiaz e Mato Grosso. Cresce igualmente na Bolívia oriental.

Buriti é corrutela de *mbiriti* (T. Sampaio, *op. cit.*, p. 207), como nomeavam os tupis esta palmeira, e segundo Baptista Caetano (*Vocabulário* cit., p. 234), significa árvore que emite líquido.

C

CABAÇA. — (*Lagenaria vulgaris* Ser. = *Cucurbita lagenaria* L.)

Família das Cucurbitáceas

Planta herbácea, trepadeira ou prostrada, pubescente, de caule grosso e anguloso, gavinhas 2-fendidas. Folhas curto-pecioladas, cordiformes, orbiculares, grandes. Flores axilares, solitárias ou subsolitárias, grandes e brancas. Fruto baga crustácea, a princípio vilosa, depois glabra, verde-clara, amarelada ao amadurecer, excessivamente polimorfa contendo polpa aquosa, branca, envolvendo sementes escuras.

Possui numerosas variedades cultivadas em todo o mundo tropical, inclusive no sul da Europa, de frutos gigantes, médios ou anões, oblongos ou piriformes mais ou menos.

Os frutos, abertos em uma das extremidades e limpos da parte internas, leves e duráveis, constituem as *cabaças* e *combucas*, que prestam inestimáveis serviços á vida rural como depósitos de líquidos e sólidos diversos. Serradas ao meio, dão as conhecidas *cuias*, usadas á guiza de pratos, tijelas, copos, bacias, etc.

Folhas e polpa vulnerárias e emolientes. A infusão das sementes empregam na cura das nefrites.

Cabaça Amargosa, na Baía; *Cabacciro Amargoso* ou *Abóbora d'Agua*, no Rio de Janeiro; *Porongo*, no Rio Grande do Sul.

CABAÇA MIÚDA. — Nome de uma das fórmas de frutos pequenos da espécie precedente.

CABACINHA. — (*Luffa operculata* (L.) Cong. = *Momordica operculata* L.)

Família das Cucurbitáceas.

Herbácea, trepadeira, caule pentágono ou não, com gavinhas simples ou bífidas, compridas, vilosas. Folhas pecioladas, cordiforme-reniformes, angulosas ou lobadas (3-5), ásperas, verde-escuras na página superior. Flores axilares, campanuladas, pequenas, amarelo-pálidas. Fruto ovóide, pequeno, mole, áspero, 10-costados longitudinalmente, com acúleos nas costas, interiormente fibroso-reticulado, com sementes compridas, lisas, sem membrana marginal.

Fruto drástico violentíssimo e por isso mesmo pouco usado. Na hidropsia e nos casos oriundos de sífilis, aplicam-no em clisteres, preparados, segundo Dias da Rocha, da seguinte forma: macera-se por espaço de 10 horas a quarta parte de um fruto em 1000 gramas dágua, depois se coa o líquido que é batido por uma haste de madeira até fazer bastante espuma, que se retira, repetindo-se o batimento nove vezes, e só então está em condições de ser empregado.

Cabacinha, na Amazónia; *Buchinha*, na Baía, Rio e Minas Gerais; *Bucha* e *Purga de João Pais*, em S. Paulo.

América cisandina, especialmente do Brasil.

CABEÇA BRANCA = ERVANÇO.

CABEÇA DE BOI = RETIRANTE.

CABEÇA DE FRADE. — (*Pithecoseris pacourinoides* Mart.)

Família das Compostas.

Planta herbácea, alta, de caule cilíndrico e ramos fistulosos no ápice. Folhas sésseis, semi-amplexicaules, pinati-fendidas. Glomérulos alongados, longo-pedunculados, de capítulos 3-5-floros.

Encontrada tanto nas catingas como nas serras secas e frescas. Assinalada no Rio de Janeiro.

CABEÇA DE NEGRO. — (*Wilbrandia* sp.)

Família das Cucurbitáceas.

Trepadeira de folhas tripartidas, cordiformes e cordiforme-lobadas. Flores muito pequenas, amareladas, em rosetas axilares. Fruto baga de 2-2.5 cm. de comprimento, escura com riscas longitudinais esbranquiçadas (Dias da Rocha, *Formulário* cit., p. 49).

A raiz de extremidade bulbosa, rugosa e pardo-clara, goza de reputação como purgativa, depurativa, anti-reumática, febrífuga, emenagoga.

Todo o Nordeste.

CACAUEIRO. — (*Theobroma cacao* L.)

Família das Esterculiáceas.

Originário da América tropical — do México á bacia amazónica.

Os astecas cultivavam cuidadosamente o cacaueiro e o tinham como a planta propiciadora do alimento predilecto a seus deuses e daí Lineu denominar de *Theobroma* ao género no qual foi incluída. Entre os primitivos habitantes do México as suas sementes corriam como moeda e serviam ao preparo de uma bebida chamada *chocolatl*, ajuntando-lhes baunilha, pimenta e urucu, logo adoptada pelos conquistadores. Em 1520 o chocolate chegava á Espanha e um século depois, graças a Ana da Áustria e Maria Teresa, generalizava-se o seu uso nas altas classes da Europa.

As sementes oleosas e aromáticas do cacaueiro constituem alimento de grande valor nutritivo, sob a forma de chocolate ou de farinhas alimentares e dietéticas, nos casos de fraqueza, esgotamento, debilidade. Nas farmácias o chocolate é usado como veículo medicamentoso. Das sementes tiram teobromina e manteiga de cacau, ambas empregadas na terapeutica e a última na perfumaria. A casca dos frutos fornece cinzas aproveitadas pela saboaria.

No Ceará a sua cultura não tem relevo económico, verdade que houve tentativa no sentido de fomentá-la nas nossas serras frescas, havendo até Rodolfo Teófilo escrito a monografia — *Cultura do Cacaueiro*, que vem apensa ao seu livro *Seca do Ceará* (*Segunda metade do século XIX*), Rio de Janeiro, 1922.

CACHIMBEIRA — SACA-ROLHA.

CACHO VERMELHO. — (*Amasonia punicea* Vahl.)

Família das Verbenáceas.

Arbusto até 1 m. de altura. Folhas pecioladas, oblongas ou elítico-lanceoladas, grossas, pubescentes na página inferior. Flores fasciculadas, amarelas, revestidas de brácteas foliáceas, encarnadas. Fruto drupa escura e sucosa.

bras, inteiras e luzidias. Flores axilares, isoladas ou geminadas, de corolas hipocrateriformes, com 3 cm. de comprimento, róseo ou róseo-arroxeadas geralmente. Fruto composto de 2 folículos delicados, 2-3 cm. de comprimento, contendo muitas sementes.

Ornamental. Raizes e folhas febrífugas, em infusão.

Por causa do arrocheado das flores, é conhecida ainda por *Boa Noite Roxa. Flor de Todo o Ano,* no Rio de Janeiro.

Há uma variedade, Boa Noite Branca (*Lochnera rosea* (L.) Reichenb. var. *alba*), de caules mais claros e flores brancas.

BOM DIA = BOA NOITE BRANCA (Vide espécie anterior)

BOCA DE LEÃO. — (*Antirrhinum majus* L.)

Família das Escrofulariáceas.

Sub-arbustiva, de folhas oblongas ou lanceolado-lineares, com flores multicores, reunidas numa espiga vistosa.

Muito cultivada nos jardins.

Originária da Europa meridional.

BOGARI. — (*Jasminum Sambac* (L.) Solander = *Nyctanthes Sambac* L.)

Família das Oleáceas

Arbusto um pouco sarmentoso, cujos galhos formam uma moita densa. Folhas curto-pecioladas, muito variáveis, ovadas ou elíticas, obtusas ou não, finas, verde-escuras, lustrosas. Flores alvas, com fauce amarela, muito cheirosas, abrindo-se ás primeiras horas da noite.

Comum nos jardins. Originária da Índia Oriental. O mesmo que *Jasmim Bugari.*

BOMBONAÇA. — (*Carludovica palmata* Ruiz & Pav.)

Família das Ciclantáceas.

Natural do ocidente amazónico. Planta acaule, com folhas radicais longo-pecioladas, formando lindos flabelos.

Altamente decorativa para jardins e estufas. No Equador e no Perú retiram das suas folhas a fibra com que se confeccionam os delicados e afamados chapeus de *Chile* e *Panamá.*

Na serra de Baturité, nos trechos superiores dos vales, sobre as pedras, ha uma *Carludovica,* de pequeno porte, mas de lindo efeito ornamental.

Da Flórida á América do Sul, inclusive Antilhas. *Cainana* na Baía; *Raiz Preta* em Minas eGrais.

Com as mesmas propriedades da espécie que se segue.

2. — *Chiococca brachiata* Ruiz & Pav.=*Chiococca anguifuga* Mart. — Arbusto escandente, não vóluvel, 2-4 metros de altura, ramos finos, cilíndricos e glabros, opostos, mais ou menos formando cruz. Folhas opostas, curto-pecioladas, ovais e acuminadas, luzentes na página superior. Flores em pequenos rácimos, formando panícula curta, de corolas campanuladas, esbranquiçadas. Fruto cápsula branca, com uma ou duas sementes lisas, alongadas.

Nas raizes, de uns 50 cm. de comprimento, externamente castaneo-rugosas e internamente vermelhas, encontram-se a *caincina* e o *ácido caíncico,* matéria corante de cor vermelha, emetina e ácido café-tanico. Já gozaram de grande reputação na terapêutica doméstica como anti-ófidicas e na terapeutica médica como diurético poderoso, sendo largamente empregadas no tratamento da hidropsia. Ainda hoje os ervanários as empregam como desobstruentes, depurativas, anti-reumáticas e purgativas.

Todo o Brasil. *Raiz Preta,* na Amazónia; *Cipó Cruz, Caninana* e *Raiz Preta,* no Rio de Janeiro e S. Paulo. *Cainca Verdadeira* e *Cipó Cruz* são outras nomes pelos quais é conhecida entre nós.

CAINCA VERDADEIRA = CAINCA

CAJARANA. — (*Spondias cytherea* Sonner = *Spondias dulcis* Forst.)

Família das Anacardiáceas

Originária da Polinésia. Hoje comum ás regiões tropicais. Introduzidas no Brasil em princípios de 1782.

Árvore de crescimento rápido, com ramos grossos porém quebradiços, de folhas imparipinadas, alternas, compostas de 11-23 folíolos ovado-oblongos, acuminados, serrados. As flores, em grandes panículas terminais, pendulas, são pequenas, brancacentas, odorantes e polígamas. Agrupados em cachos, os frutos são drupas elipsóides ou ligeiramente obovóides, de casca fina porém dura, amarelo-esverdeada, ás vezes pontuada de cinzento, devido á suberização dos tecidos superficiais, com uma polpa compacta, amarelo-pálida, sumarenta, acídula ou doce, que cobre uma semente herissada de compridos feixes lenhosos, entranhados profundamente na massa da polpa.

Os frutos comestíveis ao natural ou sob a forma de marmeladas dão ainda excelentes refrescos. Toda a planta exsuda uma goma-resina, comparável á goma arábica, usada pelos encadernadores.

Cajá-Manga, em diversos Estados. *Cajarana,* corr. *acayá-rana,* cajá brava.

CAJÁZEIRA. — (*Spondias mombin* L. = *Spondias lutea* L.)

Família das Anacardiáceas.

Árvore erecta, soberba no aspecto, que chega a atingir até mais de 20 m. de altura, revestida de casca acinzentada ou brancacenta, rugosa. saliente, fendida e muito grossa nos indivíduos adultos. Folhas de 20-30 cm. de comprimento, alternas, imparipinadas, compostas de pares de folíolos opostos, oblongos ou ovado-lanceolados, serreados. Flores fragantes, branco--amareladas, polígamas, dispostas em grandes panículas terminais. Fruto drupa até 6 cm. de comprimento, ovoide ou oblonga, achatada na base, de côr amarela, casca fina e lisa, polpa pouco espessa, amarelo-alaranjada, mole, ácida, algumas vezes doce, cobrindo um caroço grande, branco, suberoso e enrugado.

O fruto, o *caja,* é comestível e presta-se á confecção de geleias e compotas, mas o seu grande valor está como refrigerante, dando a sua massa, dissolvida nágua com açúcar, refresco e sorvete de sabor excelente.

A madeira, com peso específico de cerca de 0,508, tem pouca aplicação. A casca, *caracas* na denominação popular, serve para feitura de carimbos e pequenas obras de modelagem. A infusão da casca é empregada como adstringente, em gargarejos, nas afecções da garganta. A das sementes contusas, nas retenções de urina e catarros da bexiga, como regista Dias da Rocha, *Formulário* cit., p. 51. Na extremidade de suas raizes cria-se um tubérculo que outrora, por ocasião das grandes secas, era colhido para o fabrico de farinha.

Planta de crescimento rápido, reproduz-se por estacas e sementes, recomendando-se também como árvore de sombra, para sebes e quebra-vento.

Taperibá, na Amazónia; *Cajá-Mirim,* nos Estados do sul. De *acá-yá,* fruto de caroço, de *acá,* caroço e *yá,* fruto (B. Caetano, *Vocabulário* cit., p. 21).

Nativa na América tropical.